

DISCIPULADO NO LIVRO DE DANIEL E ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA IDENTIDADE ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DARIO LEANDRO COSTA¹

Resumo: No livro de Daniel, especialmente nos relatos envolvendo os quatro jovens hebreus, podem ser encontrados princípios de discipulado que fazem parte da identidade adventista do sétimo dia. Neste artigo foram escolhidos três tópicos, que foram estudados tendo por base o livro de Daniel. São eles: o trabalho profissional e sua relação com a missão; a juventude, sua importância e consagração; e o tema da saúde, especialmente no contexto da família.

Palavras-chave: Trabalho; Jovem; Saúde; Discipulado; Identidade.

DISCIPLESHIP IN THE BOOK OF DANIEL AND SOME CHARACTERISTICS OF SEVENTH-DAY ADVENTIST IDENTITY

Abstract: In the book of Daniel, especially in the reports involving the four young Hebrews, principles of discipleship that are part of the Seventh-day Adventist identity can be found. In this article, three topics were chosen, which were studied based on the book of Daniel. They are: professional work and its relationship with the mission; young people, their importance and consecration; and the issue of health, especially in the context of the family.

Keywords: Work; Young; Health; Discipleship; Identity.

¹ Mestre em Teologia Pastoral (UNASP-EC); Mestre em Teologia (FTSA, Londrina); Doutorando em Teologia (UPeU, Peru). Atualmente é pastor distrital na cidade de Maringá. E-mail: leandro.sabado@gmail.com.

1. Introdução

Os temas do discipulado cristão e da identidade cristã estão intimamente relacionados. Ser um discípulo de Cristo é identificar-se com Ele, seguindo suas orientações e exemplo, a fim de imitá-lo a ponto de ser semelhante a Ele. No livro de Daniel, encontramos quatro jovens personagens que eram verdadeiros discípulos. Em suas vidas, como parte de uma nova geração de hebreus que teriam de conviver com o exílio e a perda da Terra Prometida, eles se dispuseram a testemunhar de Deus mesmo em meio às adversidades. Fizeram isso através de suas atividades profissionais, de seus intelectos e corpos, e obtiveram vitória favorecidos pela herança² benéfica que receberam de suas famílias, um discipulado familiar e, principalmente, pela benção divina.

O livro de Daniel ainda possui um destaque especial devido ao seu caráter escatológico: no tempo do fim, ocorrerão eventos e situações semelhantes aos relatados nas narrativas de Daniel. Serão decretos, perseguições políticas e religiosas, conflitos militares, contaminação cultural, mental e física que, da mesma forma que exigiu de Daniel e seus companheiros, requererá dos filhos de Deus neste tempo uma atitude sábia, fiel e firme. Neste artigo será abordado o discipulado no livro de Daniel enfatizando três aspectos importantes e a relação deles com a identidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD)³, sendo eles a questão do trabalho profissional, que afeta diretamente o trabalho para Deus (a atividade missionária); o tema das novas gerações, grupo que deve estar preparado para assumir sozinho a igreja do amanhã, porém pode não haver tempo para tanto, e por isso, em comunhão com Deus e relacionamento com os mais experientes, precisam estar ativos hoje; e, por fim, o tópico da mensagem de saúde e sua relação com o discipulado na família. Missão, comunhão, santidade, relacionamento, saúde, discipulado, família, integralidade do ser – todos são temas caros para o adventismo e algumas características que compõe a identidade adventista do sétimo dia, e nada melhor que o livro de Daniel, o fundamento dessa identidade⁴, para discorrer sobre elas.

2. Discipulado no Livro de Daniel – Trabalho e Missão

Certamente a humanidade vive numa época em que há inúmeras ferramentas para tornar a vida ágil e otimizar o tempo, porém o resultado muitas vezes tem sido o oposto: na prática, parece que todos estão sempre ocupados. São tempos em que a maioria foge de compromissos, ao mesmo tempo que parecem estar sempre cheios de compromissos. Uma jornada maior de trabalho se faz cada vez mais necessária para suprir as demandas do apelo consumista e acaba sendo usada como justificativa para o menor envolvimento religioso. No livro de Daniel temos o exemplo de pessoas que tinham enormes responsabilidades profissionais e, mesmo assim, cumpriram fielmente seus deveres como discípulos, podendo então fornecer princípios quanto à relação entre trabalho profissional e missionário. Da primeira data que aparece no livro (Dn 1:1; 605 a.C.) até a última (Dn 10:1; 536 a.C.) são setenta anos, sendo mais de sessenta anos de trabalho na longa vida profissional de Daniel (SHEA, 2010, p. 32, 11). E não se tratava de um trabalho qualquer, mas de altos postos de comando no centro

² Obviamente, não no sentido material. Herança aqui no sentido de algo que é transmitido de uma geração para outra, de gerações anteriores para novas gerações.

³ Por se tratar de um artigo, e que envolve características da identidade adventista do sétimo dia, por livre escolha, limitou-se a pesquisa apenas em materiais e autores denominacionais.

⁴ A IASD “nasceu das páginas do livro de Daniel” (SOUZA, 2020, p. 12).

do governo de vários reis da Babilônia e Medo-Pérsia, dois impérios mundiais (OLIVEIRA, 2013, p. 105)⁵.

Como se não bastassem as dificuldades do complexo trabalho, aquele jovem ainda precisou lidar com a inveja e a perseguição por parte de pessoas que trabalhavam com ele, ou por causa da enorme capacidade que possuía, ou por ser estrangeiro, e até mesmo por causa de sua religião (Dn 6:13) (STEFANOVIC, 2007, p. 19). Mesmo diante de sua vida íntegra havia pessoas dispostas a eliminar Daniel, ainda que fosse inocente (Dn 6:22) (MAXWELL, 2004, p. 96). Cada movimento dele era acompanhado de perto por seus ciumentos inimigos, que vasculharam sua longa vida profissional e particular e não encontraram nada que o desabonasse. Porém nada disso, nem os compromissos de trabalho e muito menos as perseguições, interferiram na identidade do discípulo Daniel, que mesmo em face a um decreto de morte manteve seus hábitos religiosos de comunhão e testemunho do seu Deus (Dn 6:10) (FEYERABEND, 2004, p. 20, 104, 108). Na verdade, era essa comunhão que o mantinha firme em sua missão. A história de Daniel e sua relação com o trabalho, além de servir de exemplo e motivação para todos os discípulos de hoje, mostra também que, “infelizmente, a verdadeira competência pode não ser bem-vinda em alguns lugares, e os cristãos fiéis podem vir a sofrer por causa de sua integridade”, o que também aconteceu na casa de Potifar com José (SOUZA, 2019, p. 60).

Por sinal, a excelência da pessoa e do trabalho de Daniel é que o colocou em apuros. O rei Dario não deixou de perceber o caráter dele, e logo reconheceu que se tratava de alguém que deveria ter ao seu lado (SMITH, 2014, p. 59). Ele estava entre os três principais líderes e o rei planejava colocá-lo como um governador-chefe, e isso despertou a ira de outros funcionários (Dn 6:2-4). O fato de buscarem incriminar Daniel usando de sua religião deixa claro que na parte profissional não havia nenhuma ineficiência e que a vida de oração do profeta era conhecida por seus inimigos, que confiavam que ele não a alteraria por causa de uma “proibição humana. Daniel tinha fé em seu Deus, mas seus colegas tinham fé em Daniel” (SHEA, 2010, p. 84-86). Ainda revela que eles conheciam a vida religiosa de Daniel, que o profeta não era um servo de Deus ao estilo “agente secreto” e, por vezes, testemunhou de sua fé na corte, inclusive para os reis (Dn 2:27, 28; 4:24, 27; 5:18; 6:16). Nessa ocasião, Daniel não orou por causa do decreto de morte, mas enfrentou um decreto de morte porque orou, e fazia isso costumeiramente três vezes ao dia (Dn 6:10). Por fim, religião e trabalho não se separam. Ellen G. White (2009, p. 349-350) coloca da seguinte forma:

Religião e ocupação não são duas coisas separadas; são uma. A religião da Bíblia deve estar entrelaçada com tudo quanto fazemos ou falamos. Os agentes divinos e humanos devem combinar tanto em empreendimentos espirituais quanto em temporais. Devem unir-se em todos os projetos humanos, nos trabalhos mecânicos e agrícolas, nas empresas mercantis e científicas.

Ninguém precisa deixar de ser missionário porque é trabalhador, pelo contrário, deve ser missionário em seu trabalho. No exercício de suas funções profissionais possuem um vasto campo

⁵ “Nabucodonosor desfrutou de um extenso governo de quarenta e três anos, e Daniel parece ter ocupado posições importantes no serviço público, pelo menos durante a vida de Nabucodonosor. Após a morte de Nabucodonosor, no entanto, Daniel parece ter perdido o favor com os seguintes governantes da Babilônia. Foi só no último deles, Belsazar, que Daniel foi reabilitado para seu lugar original de proeminência, e por um breve período. Mas sua popularidade continuou mesmo no período persa, quando também alcançou algum destaque, embora ao preço de dificuldades consideráveis” (SHEA, 2010, p. 32-33).

para testemunhar e agir. Enquanto os jovens hebreus testemunhavam de Deus em Babilônia, Deus se revelava em Babilônia usando aqueles jovens hebreus (DANIEL, 2020, p. 31), que faziam isso especialmente em suas atividades profissionais. Da mesma forma, Deus quer usar seus servos hoje para se revelar a este mundo.

Não foi apenas Daniel que sofreu e se destacou em seu trabalho; os capítulos 6 e 3 do livro são paralelos, e neste último os outros três jovens enfrentam uma experiência semelhante, e, assim como no capítulo 1, mais uma vez “os judeus se destacam por seu comportamento diferente” (DOUKHAN, 2017, p. 91, 51). Eles também enfrentaram um decreto de morte e hostilidade por parte dos caldeus, que, pela acusação, conheciam o trabalho dos jovens e talvez até fossem companheiros de serviço (Dn 3:6, 8, 12). E, assim como Daniel, não cederam às forças das circunstâncias, não seguiram o embalo da multidão que se prostrou, pelo contrário, assumiram publicamente uma impopular posição (SHEA, 2010, p. 75-76). O rei parece ter hesitado em cumprir seu decreto imediatamente e concede a eles uma nova oportunidade, isso talvez porque conhecesse bem aqueles excelentes funcionários e não queria perdê-los, ou conhecesse a religião deles e temeu que sua comemoração corria perigo, o que de fato aconteceu (DOUKHAN, 2017, p. 52). Aquela “cerimônia toda que tinha em vista ser uma ocasião para a deificação do monarca redundou para a exaltação Daquele que pode frear o orgulho dos reis e exaltar aqueles que põem sua confiança nele” (SCHWANTES, 2003, p. 37). E, ainda como Daniel, eles foram um exemplo de fé, coragem e “de aceitação da vontade de Deus”, visto que não exigiram nenhuma condição favorável, apenas disseram que, se Deus quisesse os livrar, livraria, e se permitisse que eles morressem, permaneceriam fiéis da mesma forma. O resultado é que no caso deles, como no de Daniel, o nome de Deus foi exaltado por seus testemunhos (SHEA, 2010, p. 80-81), e o fim das histórias em ambos os capítulos novamente evidencia o paralelo entre elas, com a exaltação de Deus e o sucesso profissional dos hebreus (Dn 2:47, 48; 3:28-30) (DOUKHAN, 2017, p. 101). Os cristãos precisam buscar excelência em seu trabalho para que sejam motivo de admiração de seus superiores como foram aqueles quatro jovens, e, no caso dos adventistas do sétimo dia, obter o sábado livre para o repouso será mais facilmente conseguido. O rei Dario chegou a jejuar em prol de seu funcionário Daniel (Dn 6:18) (DOUKHAN, 2017, p. 97).

O trabalho está presente desde antes do pecado, no Éden (Gn 2:15), nosso modelo normativo de um ambiente e estilo de vida ideal (DEDEREN, 2011, p. 763), e “o fato de haver Deus atribuído essas tarefas físicas [cultivar e guardar] ao [ser humano], em um mundo até então perfeito, mostra a dignidade do labor manual” (NISTO CREMOS, 2017, p. 93). Mesmo após a queda, a intensidade e o desgaste provocado pelo trabalho (Gn 3:17-19) deveria ser uma bênção para a disciplina do corpo e da mente do pecador, um remédio contra a ociosidade e provedor de realização (DEDEREN, 2011, p. 909). Além disso, o trabalho como era antes do pecado voltará a estar presente no novo Éden (Is 65:21-22) (NICHOL, 2013, p. 356; DEDEREN, 2011, p. 1.051). O próprio Senhor deu exemplo ao trabalhar seis dias durante a criação (Êx 20:11), “trabalha até agora” (Jo 5:17), e disse-nos: “seis dias trabalharás” (Êx 20:9), e, por isso, não só “a preguiça é incompatível com o discipulado cristão” (DEDEREN, 2011, p. 783), como é uma completa loucura ou total falta de entendimento alguém usar seu trabalho profissional como impedimento para se envolver na missão de Deus. O que acontece é que, assim como em outras boas coisas, pode haver a intemperança com o excesso de trabalho (DEDEREN, 2011, p. 764), o outro lado do pêndulo. Muitas pessoas se justificam dizendo estarem sem tempo de fazer coisas para Deus quando, na verdade, é que estão gastando grande parte do seu tempo fazendo coisas que Deus nunca pediu que fizessem, e porque ainda não entenderam que podem e devem ser missionários justamente fazendo uso de seus talentos profissionais, serem

discípulos em seus locais de trabalho, sendo assim fiéis mordomos do tempo e dos talentos recebidos (DEDEREN, 2011, p. 775-776, 721), e nunca esquecendo que dons não usados atrofiam e ainda coloca em risco a salvação eterna (NISTO CREMOS, 2017, p. 269). Não há falta de tempo para o envolvimento nas atividades da igreja; isso seria como dizer que Deus errou criando um tempo insuficiente, ou erra pedindo algo impossível⁶. O que pode haver é falta de outras coisas, como de fervor, ou de coragem, de zelo, de vontade, de saúde, de organização ou simplesmente de entendimento.

3. Discipulado no Livro de Daniel – As Novas Gerações

A importância do discipulado das novas gerações é óbvia. Quando isso não acontece, o tempo se encarregará de diluir a identidade religiosa e, conseqüentemente, a relevância dessas pessoas junto à sociedade, e ainda levar a um arrefecimento missionário e aumento da apostasia. Diante disso, o estudo a respeito daquela geração de hebreus que foram parar na corte babilônica ainda jovem é interessante pelas circunstâncias delicadas em que se encontraram e, principalmente, para analisar o que fizeram para serem ativas testemunhas, manterem sua fé inabalável e sua identidade. O profeta Daniel nasceu e viveu seus primeiros anos de vida em Jerusalém ou nas proximidades. Conviveu com conflitos desde cedo, primeiro com Judá controlada pelo Egito, e depois subjugada por Babilônia (Shea, 2010, p. 11). De família real (tribo de Judá) (DICIONÁRIO, 2016, p. 329), “Daniel tinha apenas dezoito anos quando foi levado a uma corte pagã a serviço do rei de Babilônia” (WHITE, p. 570), o que ocorreu no ano 605 a.C⁷, e nesse lugar viveu o restante de sua longa vida de pelo menos noventa anos (SHEA, 2010, p. 32). A palavra usada para “jovens” é a mesma usada em Gênesis 37:30 para se referir a José, que deveria ter aproximadamente a mesma idade quando foi vendido como escravo (Gn 37:2), e para os conselheiros insensatos que Roboão escolheu ouvir (1Rs 12:8) (STEFANOVIC, 2007, p. 52). Comparando os jovens hebreus do livro de Daniel e os amigos de Roboão, vemos a enorme diferença entre eles e a importância das escolhas, principalmente, a de se colocar ao lado do Senhor, que é a fonte de toda a sabedoria, o que faltava aos conselheiros de Roboão. De acordo com Ellen G. White (1996, p. 89), a motivação da escolha de Roboão, deixando de lado pessoas mais experientes pelos conselheiros jovens, se deveu a estar “inflado pela perspectiva de exercer suprema autoridade”, ou seja, ele escolheu seguir o conselho que recomendou o que de fato queria ouvir. Por outro lado, as motivações de Daniel e seus amigos sempre foram de exaltar apenas a Deus.

Na corte de Babilônia, Daniel e seus três jovens amigos enfrentaram problemas e desafios desde o início. O objetivo com a deportação era que fossem dominados completamente, visto que no exílio era mais fácil esquecerem-se de sua pátria e assimilarem a nova cultura tornando-se iguais aos caldeus (DOUKHAN, 2017, p. 14). Eles se achavam em um novo país, uma nova cultura, mas para lembrar de suas origens bastava que lembrassem de seus próprios nomes, todos com significados que lembravam o Deus de Israel (NICHOL, 2013, p. 835). Babilônia sabia que precisava mudar não apenas o lugar onde eles estavam, mas também sua mentalidade, e mudou seus nomes como parte de um processo maior que visava na verdade “modificar suas identidades”. Na história de Daniel teremos então “o exemplo de um jovem vivendo fiel numa sociedade corrompida e sem Deus, cuja mente

⁶ Na parábola do servo infiel, ele tinha uma visão equivocada de seu senhor, como alguém que queria colher onde não havia plantado. Foi chamado de mau e negligente (ARA), ou preguiçoso (NAA).

⁷ Ano que acontece a primeira deportação de prisioneiros da qual Daniel fez parte, e marca o início do domínio babilônico e do cativeiro de setenta anos (RAMOS, 2002, p. 98-99).

poderia ter sido deturpada”, mas não foi o que aconteceu, evidenciando assim que isso não é apenas necessário como também possível (FINLEY, 2000, p. 14, 17).

As mudanças eram grandes; primeiro, aqueles jovens deixaram de ser nobres em Judá para ali serem escravos (OLIVEIRA, 2013, p. 40). Se antes a prioridade deles era o estudo de Deus, agora deveriam se dedicar à educação nas ciências babilônicas (STEFANOVIC, 2007, p. 54). Daniel e seus amigos passaram por tudo isso e permaneceram com sua identidade, não só após o término do curso de três anos, como também durante toda a vida. Aqueles jovens resistiram à aculturação buscada por Babilônia (STEFANOVIC, 2007, p. 55). Porém, isso não significa que não há perigo nesses estudos e culturas, mas sim que eles tinham uma base sólida e práticas que conservaram sua identidade. Eram jovens de oração, conhecedores das Escrituras, praticavam o jejum, eram temperantes e missionários ao testemunharem constantemente. Hoje muitos querem ouvir tudo para reter o que é bom, mas sem estarem preparados como eles; o resultado é a retenção também do que é mal e a perda da identidade. Mediante as pressões sociais e culturais, muitos jovens podem se sentir constrangidos e ter receio de serem diferentes da maioria, entretanto o exemplo de Daniel e seus amigos revela que o resultado compensa (MAXWELL, 2004, p. 19).

A tentativa dos caldeus de “transformação cultural não se limitava ao campo intelectual, mas atingia aspectos mais íntimos da vida cotidiana, incluindo a alimentação”. Para Doukhan (2017, p. 16-17), ao “determinar” o cardápio, o rei estava tomando o lugar do Criador”, visto que “a forma verbal usada aqui, *wayeman* [e determinou] tem como sujeito apenas o próprio Deus” (Jn 1:17). Conhecendo o fim da história de sucesso de Daniel, percebe-se claramente como as decisões tomadas na juventude são importantes para o futuro (FEYERABEND, 2004, p. 25). Esses jovens enfrentaram a pressão de terem que se alimentar conforme os costumes babilônicos, e “embora não tenha adotado uma abordagem de confronto, estavam prontos para não assimilar aquela nova cultura e a religião” (STEFANOVIC, 2007, p. 65). Diante do primeiro obstáculo, a resistência do chefe dos eunucos, a persistência de Daniel em se manter incontaminado é outro fator digno de destaque, e junto ao chefe dos cozinheiros ele enfim teve seu pedido atendido (Dn 1:8-14). Jesus disse que ser discípulo é estar disposto a tomar a cruz, ou seja, a morrer (Lc 14:27). Não sabemos o que aconteceria se aquele chefe também não atendesse o pedido dos jovens, mas o episódio da fornalha e da cova dos leões deixa claro que eles eram discípulos dispostos a morrer em defesa de sua fidelidade ao seu Deus.

Além de obviamente a atuação de Deus, um dos fatores que deve tê-los fortalecido diante da questão foi a união deles em torno daquele propósito. O pedido de Daniel não era apenas dele, mas do grupo (Dn 1:19)⁸. Sabemos da necessidade, especialmente por parte da juventude, de relacionamentos de amizade. Sua importância é destacada na Bíblia ao afirmar que “quem anda com os sábios será sábio, mas o companheiro dos tolos acabará mal” (Pv 13:20). Conforme o texto, os resultados podem ser bons ou ruins, dependendo de com quem se relaciona, e os seus reflexos são abrangentes. Como seres integrais e com amparo da ciência médica, sabemos hoje que “também é importante escolher com sabedoria [os] amigos”, pois se associar a pessoas “com valores e propósitos semelhantes e mentalmente saudáveis vai fazer bem para sua saúde” (NEDLEY, 2018, p. 413). Os seres humanos foram “criados para o companheirismo encontrado na amizade e no matrimônio. Através de tal relacionamento temos a oportunidade de viver em favor de outros” (NISTO CREMOS, 2017, p. 107). Deve-se ter esse cuidado mais ainda quando se tratar da escolha do cônjuge, visto que o jugo

⁸ “Nesta resolução foi apoiado por seus três companheiros” (WHITE, 1996, p. 483).

desigual⁹ comprometerá totalmente o discipulado dos filhos e a geração seguinte¹⁰. Embora a amizade seja muito significativa, não é nela que a fé daqueles jovens estava fundamentada. É importante ter boas amizades, mas mesmo que elas faltem, será possível manter-se fiel se Deus for o melhor amigo, como podemos ver no exemplo do também jovem, mas solitário, José no Egito.

A firmeza daqueles jovens hebreus com certeza os fortalecera para enfrentar o que estava por vir (FEYERABEND, 2004, p. 64). No capítulo seguinte, diante do desejo do rei de conhecer o significado do seu sonho e da incapacidade de seus magos de o revelar, ele emite um decreto de morte para todos os sábios (Dn 2:12), o que incluía Daniel e seus amigos, que nem sequer estavam presentes na reunião fracassada¹¹. Os jovens hebreus lançaram mão da mesma estratégia anterior, falando com o responsável e orando. Não que fizessem isso apenas em momentos de crise, pois no livro temos, de forma explícita ou implícita, sete orações, sendo a mais longa a do capítulo 9 (DOUKHAN, 2017, p. 8). A importância dos bons relacionamentos aparece novamente aqui, pois diante da oportunidade dada pelo rei, Daniel buscou imediatamente aos seus amigos e uniram-se em oração. Poderia fazer isso sozinho? Certamente sim, mas há poder na união dos filhos de Deus (Mt 18:19-20) (SMITH, 2014, p. 22.; FEYERABEND, 2004, p. 44). No capítulo 3 temos mais uma vez a força dessa amizade quando os três jovens resistiram juntos a ordem do rei para adorar a imagem (Dn 3:12, 16). Não foi um só ou dois que se mantiveram firmes, mas os três estavam mais uma vez unidos no mesmo propósito (SHEA, 2010, p. 75). Outra característica do amigo Daniel é que os seus amigos que sofreram na tempestade também foram lembrados na bonança (SCHWANTES, 2003, p. 33). Ele pede expressamente por eles (Dn 2:49), porém não faz isso apenas porque são amigos ou por causa da ajuda recebida. Conforme conhecemos melhor do caráter deles no capítulo 3 do livro, fica evidente que havia neles qualidades mais do que suficientes para receberem tais cargos e benefícios. Não foi um caso de nepotismo (STEFANOVIC, 2007, p. 112), mas de meritocracia. A boa amizade é importante, mas quando Daniel é jogado na cova dos leões o texto não fala nada de seus amigos, talvez apenas para deixar claro que a fidelidade deles não estava alicerçada em nenhum outro, mas sempre na relação pessoal com Deus.

Quanto à estratégia de trazer os jovens para a corte e os educar, uma prática comum entre babilônicos e egípcios, o objetivo era de que no futuro eles ocupassem as posições de liderança dentro dos seus próprios países, e dessa forma as nações conquistadas seriam lideradas por gente de seu próprio povo (o que traria menor resistência), só que educados no pensamento do país conquistador (SHEA, 2010, p. 36-37). A título de exemplo, seria como ter a nação de Israel governada por um israelita que pensava e agia como babilônico. Será que ainda hoje não há de se cuidar com essa estratégia? Poderia o inimigo doutrinar novas gerações da igreja com o pensamento e práticas da cultura que estejam opostas à Bíblia, para que depois, quando eles normalmente chegarem em postos de liderança na igreja, inclusive no ministério pastoral, tenham uma mentalidade e identidade não

⁹ “Diferenças na experiência religiosa conduzem a diferenças de estilo de vida, que podem levar a profundas tensões e fissuras no matrimônio. Para se alcançar a unidade da qual falam as Escrituras, as pessoas deveriam se casar apenas com outras que pertencessem à mesma comunhão” (DEDEREN, 2011, p. 464).

¹⁰ “A unidade de marido e mulher nos ideais e propósitos é um requisito para um lar feliz e bem-sucedido. Divergências no aspecto religioso provavelmente arruinarão a felicidade do lar e conduzirão a confusão, perplexidade e fracasso na educação dos filhos. A Bíblia aconselha: “Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos” (2Co 6:14)” (MANUAL, 2016, p. 157).

¹¹ Um motivo para isso talvez seja porque haviam concluído recentemente seu curso e fossem ainda inexperientes (NICHOL, 2013, p. 845-846). O tempo revelou que fora um erro não convidá-los. Jovens, ainda que com pouca experiência, quando ligados a Deus, podem ser uma poderosa bênção profissional e espiritual.

adventista? Ellen G. White (2010, p. 17) faz uma afirmação importante relacionada à questão, dizendo que “é a obra da verdadeira educação desenvolver essa faculdade [de pensar e agir], preparar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem”. A respeito da estratégia do rei, Ellen G. White (1996, p. 481) afirma que ele não obrigou “os jovens hebreus a renunciarem sua fé em favor da idolatria, mas esperava alcançar isso gradualmente” e assim “induzi-los a renunciar à religião de sua nação e unir-se ao culto dos babilônicos”. Quanto vemos o quadro atual de muitos jovens deixando a igreja e sua fé e se unindo a deuses deste século, ou até permanecendo no adventismo, porém sem uma identidade adventista, parece que a artimanha tem obtido muito êxito hoje. Mas não precisa ser assim. Os jovens cristãos e adventistas devem se inspirar no exemplo de Daniel e seus amigos.

Qual é a importância da identidade? No episódio envolvendo o profeta Elias e os profetas de Baal, a descida do fogo do céu foi o que comprovou a identidade do verdadeiro Deus (1Rs 18:24, 38). Assim como acontece com uma pessoa, há várias características que compõem a identidade da IASD, a ponto de fazer dela única. No *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia* temos a seguinte pergunta: “Quem são os adventistas do sétimo dia?” A resposta que se segue é que “pode-se dizer que os adventistas são uma corporação protestante e conservadora”, sua fé está “baseada na Bíblia e centralizada em Cristo”, enfatizando sua morte expiatória e sua ministração no santuário celestial. Pregam a breve volta de Jesus, guardam o sábado, enfatizam a importância do cuidado com a saúde como uma obrigação religiosa e buscam pregar o evangelho por todo o mundo. Por sinal, reconhecem que é o livro de Daniel que “fornece uma identidade” à IASD como um movimento profético único (DEDEREN, 2011, p. 1.004, 1, 454).

Essa mesma obra fala da importância da identidade nas palavras de Jesus aos seus discípulos quando disse que deveriam, dali em diante, ser uma luz, e que a identidade pessoal de um cristão é conservada e aprimorada pelo cuidado “de suas faculdades físicas, mentais e espirituais” (DEDEREN, 2011, p. 757, 759). Destaca a importância do comportamento ao afirmar que ele:

Abrange dimensões e exerce influência para além do comportamento externamente observável. Uma de suas dimensões de mais longo alcance é a íntima interdependência entre a conduta observável e a identidade interna de uma pessoa moral. As ações afetam a personalidade assim como a personalidade afeta as ações. Um comportamento repetido forma hábitos; a conduta habitual cria virtudes ou vícios; esses, por sua vez, esculpem um modelo único para cada caráter humano.

Diante disso, “o cristianismo se esforça por harmonizar a conduta observável com a identidade, a imagem de Deus”, inicialmente quebrando um “ciclo vicioso de pecado e morte” para estabelecer “um ciclo virtuoso de justiça e vida” (DEDEREN, 2011, p. 790). Ainda no aspecto da conduta, o *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia* fala sobre a importância de uma recreação e amizades centralizadas em Cristo, do respeito para com o local consagrado ao culto e como a falta disso prejudica a mente dos jovens em sua visão do sagrado, e ainda da necessidade de que haja virtudes cristãs, compromisso e engajamento da juventude com o restante da igreja, pois não são um grupo isolado, e é no relacionamento, na interação com outros mais experientes que desenvolverão melhor suas habilidades (MANUAL, 2016, p. 154, 144, 111, 108, 157). Além disso, Ellen G. White (2007a, p. 52) coloca uma questão importante para os jovens relacionada a Daniel, e que trataremos no tópico a seguir:

A vida de Daniel é uma inspirada ilustração do que constitui um caráter santificado. Apresenta uma lição para todos e especialmente para os jovens. A estrita submissão aos reclamos de Deus é benéfica à saúde do corpo e da alma. A fim de atingir a mais elevada norma de aquisições morais e intelectuais, é necessário buscar sabedoria e força de Deus e observar estrita temperança em todos os hábitos da vida.

4. Discipulado no Livro de Daniel – Família e Saúde

A questão do cuidado com a saúde não se trata apenas de se ter saúde, pois isso vemos muito atualmente mesmo entre pessoas não religiosas. Para o adventismo, “o cuidado da saúde é uma questão moral, não simplesmente uma opção. É uma prova de lealdade e serviço responsável a Deus. Em nível prático, a condição de saúde da pessoa determina basicamente se ela pode lhe prestar um serviço eficaz” (DEDEREN, 2011, p. 863). Esse tema e seus desdobramentos são bem evidentes no livro de Daniel, o que não acontece quanto ao assunto da família, mas a verdade é que os dois estão intimamente relacionados na vida do profeta e no discipulado. No capítulo 1 do livro temos o relato que envolve a resistência dos jovens hebreus ao cardápio do rei babilônico. De acordo com Doukhan, a educação da corte visava doutrinar os jovens e mudar seus hábitos pessoais na tentativa de convertê-los, de forma que alimentar-se da mesa do rei “implicava submeter-se à religião babilônica e em reconhecer Nabucodonosor como deus”, em lugar do verdadeiro Deus criador quem de fato sustenta seus filhos (DOUKHAN, 2017, p. 17, 16). A escolha de Daniel é por água e vegetais, do hebraico *zeroim*, coisas semeadas¹², que provém da “mesma raiz da palavra “semente” usada no relato da criação” (Gn 1:29) (SMITH, 2014, p. 16; STEFANOVIC, 2007, p. 59; DOUKHAN, 2017, p. 18). Portanto, a escolha de Daniel refletia sua lealdade ao criador e não ao rei (STEFANOVIC, 2007, p. 64) e coloca o tema da alimentação no embate do grande conflito e da adoração no tempo do fim, presente nas mensagens angélicas e que compõe a identidade adventista do sétimo dia¹³ (1Co 10:31; Ap 14:6-10). De fato, não há como falar em identidade adventista sem mencionar a característica relacionada à mensagem de saúde. Na tentativa de mudar a cosmovisão daqueles jovens, enquanto a mudança de nomes buscava “mudar o pensamento deles” e eles não tinham como evitar que os chamassem com aqueles novos nomes (SOUZA, 2019, p. 21), a mudança da alimentação tentava a mesma coisa só que por outro caminho¹⁴, e a essa os exilados podiam e resistiram, isso “com o objetivo de preservar sua identidade”. Com isso, o relato “nos ensina que a fé envolve tanto a mente quanto o corpo. A ideia de que a religião se importa com o ato de comer pode ser perturbadora para mentalidades influenciadas pelo dualismo platônico. No entanto, é uma preocupação profundamente bíblica”, porque espírito, alma e corpo estão interligados. “O ser humano, de acordo com Daniel, não é uma combinação de alma e corpo, mas deve ser considerado como um todo” (DOUKHAN, 2017, p. 18-19, 21; DEDEREN, 2011, p. 740).

Diversos são os motivos sugeridos pelos comentaristas para que houvesse a recusa por parte de Daniel e seus amigos daquela dieta, por exemplo, o motivo religioso, pois a glória por qualquer sucesso futuro não poderia ser dada ao rei e o que ele oferecia, mas apenas de Deus. Há o motivo

¹² A palavra deixa claro que “Daniel requereu uma dieta vegetariana” (MAXWELL, 2004, p. 30).

¹³ Para Ellen White, “a reforma de saúde é um ramo da grande obra que deve preparar um povo para a vinda do Senhor. Ela se acha tão ligada a terceira mensagem angélica, como as mãos o estão com o corpo” (DEDEREN, 2011, p. 868).

¹⁴ “Deus não só quer que tenhamos mentes espiritualmente alertas, também quer que tenhamos corpos saudáveis. As duas questões estão diretamente relacionadas” (SHEA, 2010, p. 41).

político, visto que comer com alguém significava fazer com ele uma aliança, e ainda a questão da dieta, pois os alimentos certamente não estariam de acordo com as leis bíblicas (STEFANOVIC, 2007, p. 57-58)¹⁵. Enfim, comer da mesa do rei poderia ser um problema em diversos aspectos, ou seria “simplesmente pecar contra os princípios de temperança” (SCHWANTES, 2003, p. 25), ou ainda ser tentado a comer demais, “que é uma forma sutil de suicídio” (FEYERABEND, 2004, p. 33), semelhante a alimentar-se do que é ruim. Diante dessas opções, parece sensato pensar que tais motivos podem ser vistos não como excludentes, mas sim complementares (STEFANOVIC, 2007, p. 62), e fica claro que a escolha dos jovens os livrou de todas as dificuldades relatadas acima de uma só vez (SHEA, 2010, p. 40).

Parece que o mais comum tem sido tomar essa dieta escolhida pelos hebreus como algo momentâneo, principalmente pelo fato de que Daniel menciona mais tarde que se absteve de carne¹⁶ em seu jejum (Dn 10:3) (STEFANOVIC, 2007, p. 59, 66). Entretanto, Ellen G. White afirma que os jovens “resolveram que, como os alimentos cárneos não haviam feito parte de seu regime antes, tampouco deveriam usá-los no futuro” (NICHOL, 2013, p. 1.286), ou seja, o vegetarianismo de Daniel e seus companheiros não se tratava de algo temporário, mas uma prática constante e anterior ao exílio. Então, como harmonizar isso com a declaração do profeta (10:3)? A época em que o episódio do capítulo 10 ocorreu explica a questão. O profeta está angustiado com a oposição enfrentada pelos judeus na reconstrução de Jerusalém, e Doukhan (2017, p. 164-165) lembra que a oração e jejum do profeta ocorreram “no primeiro mês do ano, Nisã, ou seja, precisamente durante o tempo da Páscoa e dos pães asmos”. Por isso, ele “sente a necessidade de especificar que “nem carne, nem vinho entraram em minha boca” (Dn 10:3), o que seria esperado na refeição ritual da Páscoa”, o cordeiro pascal. Era disso que falava Daniel e não de um hábito alimentar; ele havia renunciado até mesmo a ceia pascal. Logo após “a semana da Páscoa (da noite de 14 até 21)”, “Daniel recebe uma visão no dia 24 de Nisã” (10:4), e “não é mero acaso que a visão aconteça no contexto da Páscoa, que celebra a libertação do Egito e prepara o ambiente para a Terra Prometida”. Esse pensamento de que a afirmação de Daniel (10:3) se refere à abstenção da cerimônia da Páscoa também é compartilhada pelo teólogo Elias Brasil de Souza (2019, p. 101). Colaborando com essa tese, as palavras *lehem hamudot*, manjar desejável (ARA), na cultura bíblica pode se tratar de uma comida festiva (Is 22:13) (STEFANOVIC, 2007, p. 59, 379, e o jejum prolongado provavelmente não se tratava “de uma abstinência completa de alimento, mas consistia em consumir apenas os alimentos mais simples” (SMITH, 2014, p. 141; cf. MAXWELL, 2004, p. 280).

Hoje há entre os professos cristãos muitos que haveriam de julgar que Daniel era demasiado escrupuloso, e o sentenciariam como mesquinho e fanático. Eles consideram a questão do comer e beber como de muito pequena importância para exigir tão decidida resistência – tal

¹⁵ “Não contaminar-se (v. 8) – uma linguagem religiosa encontrada no contexto levítico dos alimentos impuros” (DOUKHAN, 2017, p. 18), e também no tema do santuário (Lv 20:3; Nm 19:20). “Daniel conservava o corpo como um santuário, o lugar de habitação do Espírito Santo” (DEDEREN, 2011, p. 763).

¹⁶ A carne quando usada precisaria ser de animais limpos (Lv 11), sem sangue e gordura (Gn 9:4; Lv 3:17) (DEDEREN, 2011, p. 860). Essa informação é interessante porque muitos que seguem a orientação de Levítico 11, se abstendo de animais imundos, acabam não seguindo as demais orientações com relação ao sangue e à gordura. Outro detalhe importante é que, talvez por causa da frequente morte de animais para sacrifícios, se tenha uma ideia errada quanto à importância da carne para os hebreus, mas a verdade é que “a carne nunca desempenhou grande parte da dieta dos hebreus”, que era constituída principalmente de grãos, legumes e frutas (DICIONÁRIO, 2016, p. 41). O arqueólogo Rodrigo P. Silva (2019, p. 70-71) diz que nos dias de Jesus “a carne vermelha era pouco consumida. Uma família normal teria a oportunidade de comer carne umas duas ou três vezes ao ano”.

que poderia envolver o sacrifício de todas as vantagens terrenas. Mas os que assim raciocinam, notarão no dia do juízo que se desviaram das expressas reivindicações de Deus e se apoiaram em sua própria opinião como norma para o que é certo e para o que é errado. Descobrirão que aquilo que lhes parecera sem importância não fora assim considerado por Deus. Suas reivindicações deveriam ter sido sagradamente obedecidas. Os que aceitam e obedecem a um de Seus preceitos porque lhes convém, ao passo que rejeitam a outro porque sua observância haveria de requerer sacrifício, rebaixam a norma do direito e, por seu exemplo, levam outros a considerarem levianamente a santa lei de Deus (WHITE, 2007b, p. 78).

Outro ponto de destaque no regime de Daniel tem que ver com sua idade. Quando o povo retorna do exílio, Daniel permanece, talvez por causa da idade avançada. Ele passou por todos os 70 anos do cativeiro (MAXWELL, 2004, p. 279; SOUZA, 2019, p. 99), e na visão do capítulo 10 devia ter cerca de 90 anos (DOUKHAN, 2017, p. 163), e quando lançado na cova dos leões “já tinha mais de 80 anos de idade” (SOUZA, 2019, p. 62), provavelmente 84 anos (MAXWELL, 2004, p. 98) ou 85 anos (SHEA, 2010, 87). E nos relatos o que vemos não é de uma pessoa debilitada fisicamente ou com a mente afetada pela idade, muito pelo contrário. Daniel nessa idade era um dos três principais funcionários do reino e estava na eminência de ser o número um. Tratava-se de um senhor lúcido e capaz, resultado de uma vida de comunhão e cuidados com a saúde (SHEA, 2010, 87). Hoje em dia a ciência ajuda a explicar a questão. Neil Nedley (2018, p. 196, 243-244), que é doutor em medicina e especialista em saúde mental, afirma que nas últimas décadas “foram publicados muitos estudos sobre nutrição e sua relação com a performance mental. Embora frequentemente ignorada, a nutrição é um fator importante para que a mente alcance alto desempenho”. A alimentação ajuda ou atrapalha, pois “alguns alimentos, bebidas e hábitos com certeza trabalham contra seus esforços de ter um pensamento claro”. Por exemplo, um ácido “encontrado na carne dificulta o funcionamento normal do centro cerebral responsável pela sabedoria, pelo raciocínio e pelo discernimento – o lobo frontal”.

Foi no teste do apetite que caiu Adão, e foi a primeira das tentações pelas quais Jesus passou (OLIVEIRA, 2013, p. 42). A escolha alimentar errada do primeiro casal que poderia parecer simples alterou não apenas a vida deles, como também dos que vieram depois (DOUKHAN, 2017, p. 19). É nesse contexto que entra a importância da família. Se Daniel chega em Babilônia com apenas 18 anos, e na declaração de Ellen White ela afirma que os jovens mantinham aquela dieta desde antes, quem os teria ensinado? O texto informa que eles já eram “jovens sem nenhum defeito, de boa aparência, sábios, instruídos, versados no conhecimento e que fossem competentes para servirem no palácio real” (Dn 1:4), e justamente por isso foram escolhidos em sua seleção criteriosa (STEFANOVIC, 2007, p. 52, 54), o que indica um discipulado familiar anterior, que envolvia uma mensagem de saúde. White (1996, p. 482) endossa essa tese ao dizer que “Daniel e seus companheiros tinham sido educados por seus pais nos hábitos da estrita temperança”. Assim como dissemos que o jugo desigual ataca diretamente o discipulado, essa declaração dela mostra quão benéfico é que o casal seja da mesma fé. Aqueles jovens não comeram nenhum alimento milagroso (DOUKHAN, 2017, p. 21); o texto revela que foi Deus quem deu a eles superioridade sobre os demais ao final do curso (Dn 1:17, 20), porém com certeza sua dieta saudável os favoreceu (SHEA, 2010, p. 42). Para Ellen G. White (1996, p. 486-487), eles “puseram-se onde Deus poderia abençoá-los”, pois o sucesso “não é resultado do acaso, ou acidente ou destino”. “Deus dá oportunidades; o sucesso depende do uso que delas se fizer”, e, no caso daqueles jovens, foi “a fidelidade nas pequenas coisas que lhes deu capacidade para a vida”. A família precisa buscar o bem de seus filhos, e isso envolve criá-los em conformidade com as leis da saúde (DEDEREN, 2011, p. 826).

Deus usou poderosamente aqueles vasos bem conservados, e provavelmente deseja usar de igual forma seus filhos de hoje também. Assim como foi com Moisés, “a educação desses quatro jovens, quando ainda meninos, os manteve leais na corte de Babilônia, onde o maior dos monarcas terrestres reinava” (FEYERABEND, 2004, p. 33), o que deixa evidente “a relevância da educação na primeira infância” (SOUZA, 2019, p. 21). Como os pais ensinam seus filhos quando crianças influencia todo o restante de suas vidas. Daniel fazia parte de uma família judaica com quem passou sua infância até início de sua juventude no reino de Judá (MAXWELL, 2004, p. 11), e os nomes hebraicos dos quatro jovens com significados exaltando a Deus favorecem que eram filhos de pais devotos (STEFANOVIC, 2007, p. 60; DOUKHAN, 2017, p. 15). A importância da família é evidente: segundo pesquisas de Harvard, laços familiares fortes na infância colaboram para o bem-estar emocional e a saúde até a vida adulta (NEDLEY, 2018, p. 403). A vida longa de Daniel não foi por acaso; cuidando do corpo, preservando a mente e perseverando na fé estava respeitando e obedecendo o ensino de seus pais, e usufruía da benção de honrá-los, conforme diz o mandamento (Êx 20:12). A ciência também afirma que melhores condições físicas e emocionais favorecem na tomada de boas decisões (NEDLEY, 2018, p. 479), algo que Daniel precisou fazer muito durante sua longa vida e fez com excelência.

Em seus documentos oficiais, a IASD afirma crer “que é sua responsabilidade tornar Cristo conhecido ao mundo e que isso inclui uma obrigação moral de preservar a dignidade humana promovendo excelentes níveis de saúde física, mental e espiritual” e que “a reforma de saúde e o ensino de saúde e temperança são partes inseparáveis da mensagem da igreja” e que as leis de saúde devem ser obedecidas para o bem-estar pessoal e para um serviço mais eficiente (MANUAL, 2016, p. 96, 150). Quanto às novas gerações, para a IASD, a igreja tem seu papel¹⁷; por exemplo, um ministério jovem forte deve incluir “o crescimento espiritual, mental e físico” (MANUAL 2016, p. 106), mas “a família é o ambiente provido por Deus no qual os seres humanos recebem o senso saudável de dignidade própria e identidade” (DEDEREN, 2011, p. 768). A família tem a função de conduzir os filhos nos caminhos de Deus, inclusive no que tange a mensagem de saúde, visto serem os provedores do lar. Devem ainda ligá-los à igreja, e, “para alcançar esse alvo, os pais deverão trazer os pequenos à Escola Sabatina e à igreja, fazendo-o com regularidade, e assim os filhos se sentirão como fazendo parte do corpo de Cristo desde cedo na vida” (NISTO CREMOS, 2017, p. 375). Portanto, é no lar “que, pela graça de Deus, os princípios do genuíno cristianismo são postos em prática, e seus valores são transmitidos de uma geração para a seguinte” (NISTO CREMOS, 2017, p. 360-361). Pelo que estudamos no livro de Daniel, aqueles pais hebreus parecem ter seguido as orientações divinas e conseguido transmitir sua fé para a geração posterior.

Os últimos versículos do Antigo Testamento são uma profecia daquilo que ocorrerá antes do retorno do Senhor: “Eis que Eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor; ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais” (Ml 4:5, 6). Enquanto várias forças da atualidade tentam dispersar os membros da família, Deus a convoca para uma reunião, uma re-solidificação, um retorno e restauração. Aquelas famílias que responderem a seu chamado possuirão um poder que revelará o genuíno cristianismo. A igreja que for constituída de tais famílias crescerá; seus jovens não a abandonarão; ela retratará perante o mundo um quadro nítido de Deus (NISTO CREMOS, 2017, p. 378).

¹⁷ Muitas coisas boas são ensinadas “dentro de outras instituições, como a igreja e a escola. Mas, muito antes de serem os indivíduos influenciados por essas instituições, os valores adotados no lar exercem impacto indelével sobre a vida da criança” (DEDEREN, 2011, p. 815).

Satanás ataca a instituição da família, e uma das formas que faz isso é afetando a saúde das pessoas que a compõe. Em vez de uma queixa contra as orientações de Deus como fizeram o povo no deserto (Nm 21:5), é preciso que haja entendimento e aceitação de que “as leis de Deus, que incluem as leis de saúde, não são arbitrárias, mas foram designadas por nosso Criador visando nos habilitar a desfrutar o melhor da vida. Satanás, o inimigo, deseja roubar nossa saúde, nossa alegria, nossa paz mental, e finalmente nos destruir (Jo 10:10)”. Como não há dicotomia entre corpo e espírito, “o chamado de Deus à santidade envolve um chamado tanto à saúde física quanto à espiritual” (NISTO CREMOS, 2017, p. 344). Deus quer santificar a humanidade em tudo, espírito, alma e corpo (1Ts 5:23). Paulo coloca o texto em uma sequência lógica, onde um espírito/mente santificado influencia a alma/sentimentos e emoções que resulta em cuidado com a saúde e um corpo santificado para servir (NISTO CREMOS, 2017, p. 104-105)¹⁸. Parece que Daniel e seus amigos já entendiam tudo isso e se submeteram à ação divina para que esses passos ocorressem em suas vidas. Aqueles jovens que haviam recebido o discipulado em suas famílias e eram sem defeito foram para uma terra estrangeira e hostil e permaneceram sem se contaminar. Quando vamos ao livro de Neemias (13:23-31) e vemos a atitude dele diante da “contaminação cultural sofrida pelos filhos dos judeus após o regresso do cativeiro”. percebemos ainda mais a importância do que ocorreu com os jovens hebreus. Diante dos problemas familiares, Neemias viu que a geração de jovens estava pendendo a identidade¹⁹ e então “contendeu severamente com os pais deles e clamou por reavivamento” (DEDEREN, 2011, p. 606-807). O mesmo remédio que se faz necessário hoje, urgentemente.

5. Considerações Finais

Daniel, Hananias, Misael e Azarias viveram em Babilônia durante a maior parte de suas vidas, trabalharam para o império em altos postos de comando, e mesmo assim não permitiram que esse trabalho fosse uma justificativa para não testemunhar do Deus deles, pelo contrário, foi justamente durante o exercício de suas atividades profissionais que na maioria das vezes falaram de sua fé e a defenderam publicamente. Mostraram que é um dever respeitar autoridades e superiores, porém toda vez que isso afronta um princípio divino, deve-se resistir mesmo que custe a própria vida.

Nas cortes da Babilônia e da Média-Pérsia, vários funcionários hebreus se mantiveram firmes sempre que a obediência a Deus os impedia de obedecer à vontade do rei. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego foram lançados na fornalha de fogo ardente (Dn 3); e por causa de sua fidelidade Daniel foi lançado na cova dos leões (Dn 6). Em resultado disso, as cortes e nações pagãs foram testemunhas do poder do Deus vivo (DEDEREN, 2011, p. 778).

Os servos de Deus são convidados ainda hoje a seguirem esse exemplo, colocar a Palavra de Deus acima dos ditames da cultura, estarem cientes de que não é possível viver fora da cultura, mas sim ser um agente transformador dela, e que o estilo de vida é parte integrante de todo esse processo para se manter incontaminado por aquilo que é prejudicial da cultura (SOUZA, 2019, p. 14, 22), alguém santificado e santificador da cultura. Mesmo antes de chegar ao exílio, aqueles jovens

¹⁸ “A ligação integral entre saúde e santidade é um conceito vital para estreitar os laços entre Deus e Suas criaturas humanas” (DEDEREN, 2011, p. 857).

¹⁹ Jugo desigual e não falar a língua hebraica.

conviveram com um reino de Judá que quebrara a aliança, uma sociedade fraca espiritualmente, mas nada disso impediu eles e suas famílias de serem fiéis a Deus e não se contaminarem também ali com a apostasia da nação (SHEA, 2010, p. 36; WHITE, 1996, p. 480). Servos de Deus fiéis também sofreram consequências de pecados gerais, eram eles que deveriam testemunhar no exílio aos para os pagãos, deveriam se manter fiéis dentro e fora de seu país/povo/igreja, e assim quando lançados na fogueira ou na cova de leões, nunca estiveram sós (Dn 3:25; 6:22). A vida longa de fidelidade de Daniel também revela que o serviço e consagração ao Senhor não está limitado a qualquer faixa etária, e sim que os filhos de Deus podem, e devem, honrá-lo durante toda a sua existência, especialmente no vigor da juventude, em que as expectativas que Deus tem para seus filhos são as mais altas possíveis. “Os jovens de hoje podem ter o mesmo espírito de que estava em Daniel; eles podem beber da mesma fonte de força, possuir o mesmo domínio próprio, e revelar a mesma graça em sua vida, mesmo sob circunstâncias igualmente desfavoráveis” (WHITE, 1996, p. 489, 490). A família não pode esquecer que ela é a maior responsável pelo discipulado das novas gerações, assim como a igreja é a maior responsável por orientar as famílias.

Como disse o sábio Salomão: “Lembra-te do seu Criador nos dias da sua mocidade” (Ec 12:1), e ao fazer isso, é importante não esquecer o que este Criador orientou quanto ao cuidado da saúde. A mensagem de saúde dada por Deus é uma mensagem de amor, de um Pai que não se agrada no sofrimento de seus filhos; basta ver que tudo que Ele pede para que se abstenham traz benefícios a quem segue a orientação. Devemos glorificar ao nosso Criador também por meio de nossa alimentação e estilo de vida; isso se trata de adoração e não meramente de ser saudável. Denis Diderot, filósofo francês disse algo que não pode ser generalizado, mas serve para interessante reflexão: “Os médicos se esforçam por conservar nossa saúde, os cozinheiros por destruí-la, mas os cozinheiros têm mais chances de ganhar” (NEDLEY, 2018, p. 245). Discípulos com identidade adventista do sétimo dia, no poder do Espírito, e assim como os jovens hebreus, não permitirão que o apetite vença.

A atitude de Daniel em não se contaminar fisicamente não tinha que ver somente com questões de saúde, mas sim com a sua espiritualidade. O ser humano não é uma mera combinação de partes ou a soma delas (espírito, alma e corpo), mas sim um todo, “uma unidade indivisível” (NISTO CREMOS, 2017, p. 98). Portanto, da mesma forma, a espiritualidade não pode ser vista de maneira separada, algo como santificação do espírito e não do corpo. Por isso, “o apelo de Paulo no tocante à santificação acha-se claramente embasado no conceito da unidade da natureza humana e revela que a efetiva preparação para o segundo advento de Cristo necessita do preparo de toda a pessoa – espírito, alma e corpo” (NISTO CREMOS, 2017, p. 105), como o apóstolo disse, “o mesmo Deus da paz os *santifique em tudo*” (1Ts 5:23, grifo nosso). A espiritualidade bíblica, conforme vista no livro de Daniel, é a submissão do todo à atuação do Espírito Santo. A psicologia estuda a relação entre pensamentos, emoções e comportamento, e afirma estarem interligados a ponto de um pensamento distorcido gerar emoções prejudiciais que culminam com comportamentos disfuncionais. Pensamos, sentimos e agimos (NEDLEY, 2018, p. 29, 31, 153-157, 196-197). O que Deus propõe são pensamentos (espírito/mente/razão) santificados (Rm 12:1), gerando emoções (alma/desejo/sentimento) santificadas que resultam em um corpo santificado e ações santificadas (1Ts 5:23; 4:3; Gl 5:22, 23). O processo não começa pelo corpo ou foca nele; porém, se não chega ao corpo, é sinal de que há uma resistência onde ele inicia, no pensamento racional. É de dentro para fora, do interior até chegar ao exterior, mas uma vez começado, virá um processo de retroalimentação positiva. Cuidando do corpo, este recebe o que é melhor e assim favorece para um melhor desenvolvimento mental, que retorna em cuidados com o corpo, ou seja, a mente e o corpo afetam-se mutuamente. Da mesma forma, um

processo negativo seguiria o mesmo caminho, só que agora destrutivamente, numa retroalimentação negativa, o que ajuda a explicar a resistência de Daniel e seus amigos em não se contaminarem.

A compreensão dualista, que separa a missão do trabalho, o jovem da santificação e o corpo do espírito, prejudicando que haja uma correta compreensão tanto de salvação quanto de serviço²⁰, é desmascarada no livro de Daniel. Além de ser uma fonte de informação para o correto exercício da atividade profissional, para as novas gerações, para o cuidado com a saúde e a importância da família, enfim, para o discipulado, o texto de Daniel ganha ainda mais destaque por sua natureza escatológica. É um livro que contém profecias para o tempo do fim. A IASD, usando o método historicista, interpreta essas profecias como ocorrendo dentro do fluxo contínuo dos acontecimentos, abarcando passado, presente e futuro. Já outras escolas usam do método preterista, colocando os cumprimentos proféticos no passado, ou futurista, que lança as profecias para um futuro distante (SHEA, 2010, p. 12-13, 33). Aqueles com identidade adventista do sétimo dia não podem tratar as narrativas do livro de Daniel de forma preterista, por assim dizer, acreditando que as atitudes daqueles jovens não são possíveis hoje, ou futurista, adiando decisões que precisam ser tomadas já, esperando por um momento no futuro em que tudo será resolvido como que num passe de mágica e sem nenhum esforço. “Para tornar a graça de Deus nossa própria, precisamos desempenhar a nossa parte. Sua graça é dada para operar em nós o querer e o efetuar, mas nunca como substituto do nosso esforço” (WHITE, 1996, p. 487).

No capítulo 2 do livro, Nabucodonosor tem um sonho sobre seu reino, no capítulo 3 ele resolve tomar o lugar de Deus e alterar a história (DOUKHAN, 2017, p. 43). Os discípulos de Jesus não podem cometer o mesmo erro querendo alterar a história. Daniel afirma que este mundo está na eminência da destruição (Dn 2:44) e apenas os fiéis filhos de Deus serão salvos (Dn 3:16-18, 25), e não aqueles que estão mais envolvidos com as coisas deste mundo, ou que ao invés de se submeterem aos meios que Deus escolheu para que o adorássemos e servissemos, estão buscando, como aquele rei, serem eles mesmos adorados²¹.

Por fim, o primeiro capítulo de Daniel apresenta a seguinte estrutura: primeiro, devido à quebra da aliança, acontece o exílio; segundo, vem uma separação em que o inimigo busca doutrinar; terceiro, diante disso acontece a resistência firme para não se contaminar e bons frutos aparecem; e quarto, o resultado é a libertação na forma de bênçãos pela fidelidade²². Somos pecadores, vivendo nesse mundo hostil e atacados constantemente por um inimigo que tem diversas ferramentas para nos catequizar, mas ansiamos por libertação urgente e, portanto, nos encontramos no terceiro momento, o de resistir e avançar. Precisamos de novos Daniéis não apenas no futuro, mas hoje, e se queremos realmente isso devemos ter a mesma disposição daqueles jovens hebreus de manter firme nossa identidade como “servos do Deus Altíssimo” (Dn 3:26), adventistas do sétimo dia. Eles tinham comunhão, eles eram temperantes, relacionavam-se com as pessoas e testemunhando cumpriam a missão de anunciar o Senhor. Não há como ter adventistas, inclusive jovens, como Daniel, sem seguir essa cartilha dele ou a seguindo apenas em parte.

²⁰ Interessante que esse é justamente o objetivo do Ministério Jovem Adventista, salvação e serviço, mais precisamente, “Salvar do pecado e guiar no serviço”, desde 1926, tema escolhido numa assembleia da Associação Geral. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/jovens/sobre-nos/>>. Acesso em: 29/04/2022.

²¹ “O homem é o ser cujo projeto é ser Deus”, segundo Jean-Paul Sartre (SOUZA, 2019, p. 96).

²² Adaptado de Doukhan (2017, p. 22).

Referências

“DANIEL.” **Lição da Escola Sabatina**, 1º trimestre de 2020.

DEDEREN, R. (Ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. (Série Logos)

Dicionário Bíblico Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

DOUKHAN, J. B. **Segredos de Daniel**: sabedoria e sonhos de um príncipe no exílio. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

FEYERABEND, H. **Daniel Verso por Verso**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

FINLEY, M. **Revelando os Mistérios de Daniel**. 2. ed. São Paulo: Editora Tempos, 2000.

Manual da Igreja Adventista Do Sétimo Dia. 22. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

MAXWELL, C. M. **Uma Nova Era segundo as Profecias de Daniel**. 2. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

NEDLEY, N. **A Arte de Pensar**: assuma o controle de sua vida. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2018.

NICHOL, F. D. (Ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**, v. 4. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

NISTO CREMOS: 28 Crenças Fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

OLIVEIRA, A. **Daniel**: segredos da profecia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

RAMOS, J. C. **Profecia Bíblica**. São Paulo: SALT, 2002).

SCHWANTES, S. J. **Daniel**: o profeta do juízo. Engenheiro Coelho, SP: Gráfica Alfa, 2003.

SHEA, W. H. **Daniel**: una guía para el estudioso. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2010.

SILVA, R. P. **Enciclopédia da vida de Jesus**. 2. Ed. São Paulo: Pae Editora, 2019.

SMITH, U. **Considerações sobre Daniel e Apocalipse**. Engenheiro Coelho, SP: Centro White Press, 2014.

SOUZA, E. B. de. **O livro de Daniel:** uma profecia para o nosso tempo. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

STEFANOVIC, Z. **Daniel:** wisdom to the wise – commentary on the book of Daniel. Nampa, ID: Pacific Press, 2007.

WHITE, E. G. **Profetas e Reis.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

WHITE, E. G. **Conselhos para a Igreja.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007a.

WHITE, E. G. **Fundamentos da Educação Cristã.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.

WHITE, E. G. **Testemunhos para a Igreja.** v. 4. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007c.

WHITE, E. G. **Parábolas de Jesus.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

WHITE, E. G. **Educação.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.